

# SONDAGEM Industrial

Ano 5, nº 4, outubro/dezembro 2002

Suplemento Especial

## Perspectivas do Comércio Exterior

Após quatro anos da mudança do regime cambial no Brasil, o efeito substituição nas importações de insumos e matérias-primas começa a se fazer notar, ainda que de maneira moderada. Diferentemente das compras de bens de consumo, cujo efeito substituição foi quase imediato, a demanda por insumos e matérias-primas apresenta uma elasticidade preço da demanda de curto prazo muito baixa. Desse modo, a retração das importações em 2002 deveu-se, em grande medida, à relativa estagnação do nível de atividade doméstica.

Este suplemento especial da Sondagem Industrial mostra que, em 2002, o processo de substituição de importações por parte da indústria mostrou-se mais intenso do que nos anos anteriores. Ademais, pela primeira vez desde 1999, as perspectivas futuras de substituição de importações são mais intensas. Considerando, ainda, que a retomada do nível de atividade seja gradual e que a expansão das exportações se mantenha, os resultados da sondagem dão suporte à expectativa de manutenção de um superávit comercial elevado em 2003.

### Amostra

Desde a primeira maxidesvalorização do real que se seguiu à mudança do regime cambial em janeiro de 1999, criou-se um debate sobre substituição de importações que vem se renovando anualmente desde então. O debate tem-se centrado não só na magnitude do processo de substituição como também no tempo necessário para sua efetivação. Como forma de contribuir para este debate, a Confederação Nacional da Indústria – CNI vem realizando, anualmente, por intermédio da Sondagem Industrial, uma enquete sobre comércio exterior, com especial interesse na questão da substituição de importações. Esta é a quinta vez que esta enquete é realizada, o que nos permite um melhor conhecimento da evolução do grau de exposição externa das empresas industriais.

A Sondagem Industrial do quarto trimestre de 2002 contou com a participação de 1.247 pequenas e médias empresas e 264 grandes. Entre as grandes empresas, 75% exportaram em 2002 (praticamente o mesmo percentual apurado na pesquisa referente ao ano de 2001, 76%). Este percentual é, no entanto, 3 pontos percentuais inferior à proporção das empresas exportadoras em 1999 e 2000. Por sua vez, a proporção de grandes empresas da amostra que utilizaram insumos importados caiu de 72% para 64% entre os anos de 2001 e 2002. Nos anos de 1999 e 2000 esta proporção foi de 73%. Entre as pequenas e médias empresas, o percentual de empresas exportadoras manteve-se inalterado, o mesmo ocorrendo com relação à proporção de empresas que importaram insumos ou matérias-primas. Em ambos os casos o percentual foi de 32%.

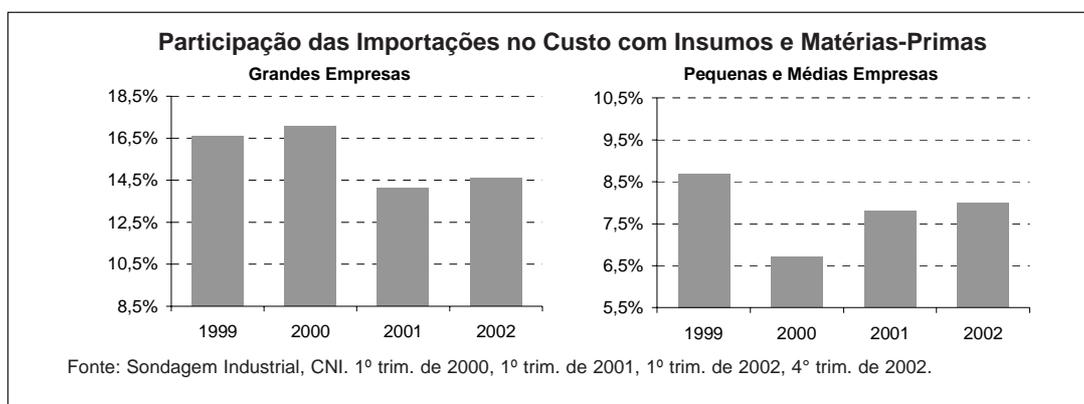
### Importações

Desde a primeira sondagem especial realizada em abril de 1999, verificou-se que o processo de substituição de importações na indústria não se realizaria tão rapidamente conforme previam alguns analistas. Como viria a se repetir nas três pesquisas posteriores, a grande maioria das empresas não pretendia substituir suas importações. Somente na pesquisa atual, que teve como referência o ano de 2002, a situação apresentou uma ligeira mudança.

#### *Participação das importações no custo com insumos e matérias-primas*

Ainda que a proporção de empresas da amostra que utilizam insumos importados tenha caído entre 2001 e 2002, a participação dos importados no custo com insumos e matérias-primas manteve-se praticamente constante. Entre as grandes empresas, o percentual médio passou de 14,1% para 14,6%. Já entre as pequenas e médias, o aumento foi ainda menor: de 7,8% para 8,0%.

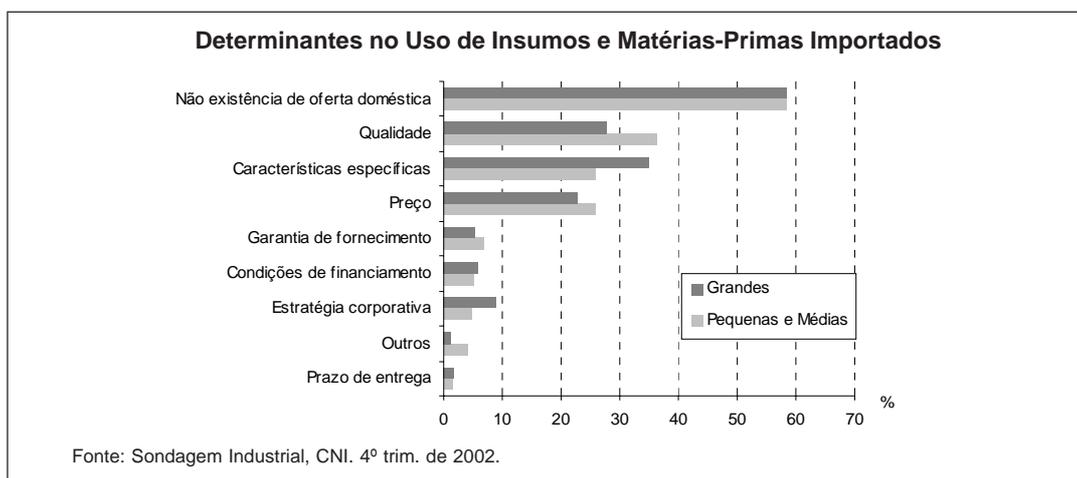
A indústria farmacêutica, uma das mais intensivas em insumos e matérias-primas importados, apresentou o maior crescimento da participação dos importados no custo, que saltou de uma média de 20,4% para 30,7%. Outros setores com participação elevada de importados em seus custos e que apresentaram aumento desta participação foram Material Elétrico e de Comunicações e Material de Transporte. Dentre os sete setores cujo percentual supera 10%, apenas as empresas de Borracha registraram uma queda na média da participação de importados no custo total com insumos e matérias-primas.



### ***Determinantes do uso de insumos importados***

A baixa elasticidade de substituição de insumos e matérias-primas é resultado, sobretudo, da dificuldade de se encontrar tais mercadorias no mercado doméstico. A não existência de oferta doméstica foi assinalada por quase 60% das empresas como um das principais razões para o uso de insumos e matérias-primas importados. Outras razões importantes também reforçam a dificuldade na substituição: qualidade e características específicas dos insumos importados. O preço, que determina a substituição em resposta à desvalorização da moeda doméstica, aparece apenas na quarta posição entre as razões mais assinaladas: 26% das pequenas e médias empresas importadoras e 23% das grandes.

A não existência de oferta doméstica é um determinante no uso de insumos e matérias-primas importados sobretudo nos setores de Material de Transporte (opção assinalada por 72% das empresas), Química (71%), Mobiliário (71%) e Material Elétrico (70%). Por outro lado, esta é uma dificuldade pouco relevante para o setor de Couros e Peles cujo principais determinantes são as características específicas e o preço.



### ***Substituição de Importações***

No ano de 2002, o percentual de empresas que patrocinaram algum tipo de substituição de importação foi ligeiramente superior ao registrado em 2001. Entre as grandes empresas, este percentual subiu de 32% para 40% e entre as pequenas e médias, de 35% para 42%. Note-se, contudo, que a maior parcela das empresas que assinalaram ter substituído importações continua sendo as que marcaram a opção “pouco substituído”. Este grupo responde por 76% e 58%, respectivamente das grandes e pequenas empresas que apontaram alguma substituição. Os setores com maior intensidade de substituição foram os de Matérias Plásticas e Vestuário e Calçados; mais da metade das empresas desses setores realizaram alguma substituição.

A grande maioria das empresas, quase 60%, não substituiu importações e o percentual das empresas que aumentaram o uso de insumos importados com relação aos de origem doméstica cresceu de maneira significativa. Os menores movimentos de substituição se deram nos setores de Bebidas e Produtos Farmacêuticos (75% e 73% do total, respectivamente). Junto com Couros e Peles, eles foram os setores que apresentaram o maior percentual de empresas que intensificaram o uso de insumos e matérias-primas importados.

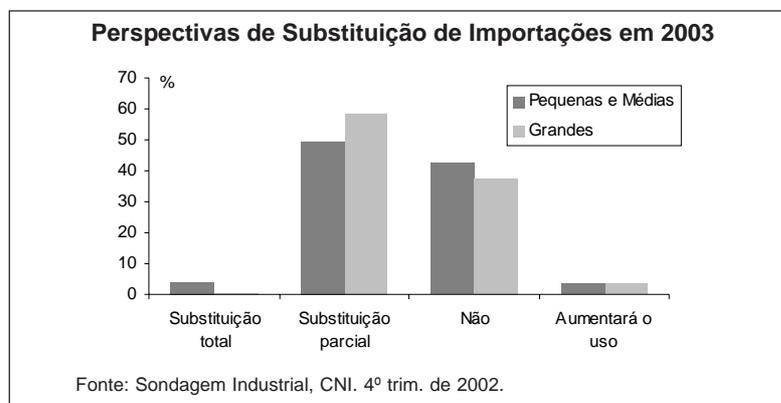
Utilização de Insumos e Matérias-Primas Importados								
Proporção das respostas								
Uso com relação aos insumos domésticos	1999		2000		2001		2002	
	PME	GE	PME	GE	PME	GE	PME	GE
Totalmente substituído	2,7	2,0	2,4	1,3	3,6	0,5	1,5	1,2
Muito substituído	15,9	14,3	10,7	16,1	12,0	14,4	16,3	8,4
Pouco substituído	20,9	28,6	17,2	12,8	19,3	17,1	24,2	30,1
Inalterado	60,6	55,1	63,1	66,4	63,0	64,2	51,5	52,4
Aumento	-	-	6,6	3,4	2,1	3,7	6,4	7,8

Legenda: PME - pequena e média empresa. GE - grande empresa.  
 Nota: Não havia a opção "aumento" na pesquisa do ano base de 1999.  
 Fonte: Sondagem Industrial, CNI. 1º trim. de 2000, 1º trim. de 2001; 1º trim. de 2002; 4º trim. de 2002.

### Perspectivas

Passados quatro anos da mudança do regime cambial, a indústria ainda não realizou um movimento significativo de substituição de insumos e matérias-primas importados por similares de origem doméstica. Não obstante, a predisposição para tal aumentou na comparação com as pesquisas anteriores. Entre as grandes empresas, 59% pretendem promover algum tipo de substituição de importações contra 28% em abril de 2002. No caso das pequenas e médias empresas, o percentual em questão subiu de 36% para 54%.

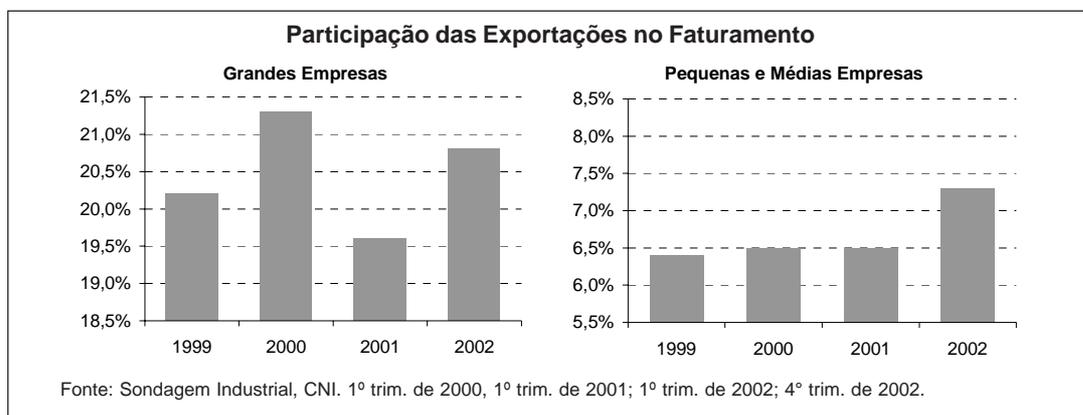
O setor de Vestuário e Calçados deverá continuar com seu processo de substituição, como reportado por 75% das empresas. Outros setores com elevada proporção de empresas (acima de 60%) que pretendem fazer alguma substituição são Mobiliário, Mecânica, Material de Transporte e Borracha. No outro extremo, temos Bebidas, Produtos Farmacêuticos, Química e Têxtil, cuja maioria das empresas não espera substituir importações. Cabe ressaltar, ainda que, 11% das empresas de material de transporte deverão aumentar o uso de insumos e matérias primas importados.



No que diz respeito às compras absolutas de insumos e matérias-primas importados para os próximos seis meses, a expectativa é de queda. O indicador de expectativa da indústria como um todo foi de 47,1 pontos, abaixo da linha divisória de 50 pontos. Note-se que, indicadores abaixo de 50 pontos refletem expectativas negativas quando à evolução das compras. É importante ressaltar, no entanto, que embora o percentual de empresas que pretendem reduzir as compras seja maior do que das que esperam aumentá-las, a maioria (55% das pequenas e médias e 76% das grandes) espera manter suas compras de insumos e matérias-primas importados inalteradas.

### Exportações

A participação das exportações no faturamento das empresas industriais voltou a crescer em 2002, ilustrando a importância da demanda externa para o nível de atividade da indústria naquele ano. No caso das grandes empresas, a participação média passou de 19,6% para 20,8%, enquanto entre as pequenas e médias o percentual de 2002 subiu para 7,3% contra 6,5% do ano anterior. Os setores com maior percentual de vendas externas no faturamento são Madeira e Couros e Peles, com médias superiores a 30%. Em seguida, tem-se Produtos Alimentares, Material de Transporte, Metalúrgica e Têxtil, todos com percentuais médios pouco acima de 10%.



As perspectivas quanto à evolução das exportações nos próximos seis meses são bastante otimistas. O indicador de expectativa da indústria como um todo voltou a subir em janeiro de 2003, alcançando 58,6 pontos, ou seja, bem próximo do patamar vigente em 2000. O relativo otimismo é generalizado entre os diferentes setores e portes de empresa. No caso das pequenas e médias empresas, 44% esperam um aumento das vendas externas, proporção que sobe para 48% entre as grandes.

Todos os setores pesquisados registraram indicadores acima da linha divisória dos 50 pontos. Os empresários industriais mais otimistas com relação às vendas externas encontram-se nos setores de Borracha e de Mobiliário que registraram indicadores de 68,8 e 67,9 pontos respectivamente. Mais de 2/3 dos executivos desses setores mostraram-se otimistas com relação ao crescimento de suas exportações. Destacam-se, também, os setores de Produtos Farmacêuticos, Material de Transporte e Têxtil, cujos indicadores superaram 60 pontos.

## Balança Comercial

Os resultados aqui apresentados corroboram as expectativas positivas quanto à evolução da balança comercial brasileira para o ano de 2003, sobretudo para o primeiro semestre. As empresas industriais brasileiras esperam, no seu conjunto, que suas vendas externas cresçam nos próximos seis meses, enquanto as compras deverão se reduzir. A demanda externa já vem se recuperando desde o segundo semestre do ano passado. Por sua vez, a demanda interna ainda não retomou seu dinamismo o que manterá as importações contidas. Adicionalmente, concretizando-se a expectativa de intensificação, ainda que moderada, do movimento de substituição de importações na indústria, a retomada da atividade doméstica deverá repercutir de maneira menos intensa sobre as importações. Conseqüentemente, o superávit comercial deverá continuar crescendo.

**Expectativa para os próximos seis meses**

	Exportação				Importações de Insumos			
	Indicador	Proporção de respostas (%)			Indicador	Proporção de respostas (%)		
		-	=	+		-	=	+
Total	58,6	-	-	-	47,1	-	-	-
Pequena e Média	58,2	12,5	43,0	44,4	46,6	25,9	55,2	19,0
Grande	59,4	10,0	42,5	47,5	48,1	14,3	75,6	10,1

Indicador varia no intervalo de 0 a 100. Valores acima de 50 indicam expectativas positivas.  
 "Proporção das respostas": (-) redução; (=) manutenção; (+) aumento.  
 Fonte: Sondagem Industrial, CNI. 4º trim. de 2002.